

Estresse do professor do Ensino Fundamental: o ambiente em evidência

Stress of Elementary School teachers: environment in evidence

Estrés del maestro de Escuela Primaria: ambiente en evidencia

Recebido: 24/02/2020 | Revisado: 10/06/2020 | Aceito: 10/06/2020 | Publicado: 22/06/2020

Renata da Silva Hanzelmann

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4129-0481>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Centro Universitário São José, Brasil

E-mail: profa.hanzelmann@gmail.com

Érika Almeida Alves Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9673-1718>

Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, Brasil

E-mail: erikitaalves@yahoo.com.br

Aline Ramos Velasco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1505-228X>

Ministério da Saúde, Brasil

E-mail: aline4ramos@gmail.com

Alexandre Sousa da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5573-4111>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: alexandre.silva@uniriotec.br

Elias Barbosa de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5834-7312>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: eliasbo@oi.com.br

Joanir Pereira Passos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6880-4545>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: jopassos@hotmail.com

Resumo

Elencou-se como objetivo analisar o ambiente de trabalho e o estresse ocupacional de professores do ensino fundamental I. Trata-se do método de pesquisa descritivo, de corte

transversal, do tipo survey com abordagem quantitativa. Dos 421 professores que compuseram a amostra, 95,2% são do sexo feminino, a média de idade 41 anos, 43,9% fizeram licenciatura, o tempo médio de docência foi 15 anos, 49% trabalham em apenas uma instituição de ensino e são responsáveis diariamente por 53 alunos em média. Verificou-se que os professores apresentaram nível de estresse médio. Evidenciou-se ainda os componentes físicos ambientais e organizacionais do trabalho apresentam correlação estatística significativa. Assim, ao final do estudo observa-se as condições laborais dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental mostraram-se inapropriadas, em relação aos aspectos físicos do ambiente para a maioria dos professores e podem gerar estresse no professor do ensino fundamental I. Além disso, o estudo trouxe uma reflexão importante sobre o ambiente de trabalho e a influência do ambiente na saúde dos indivíduos e na perspectiva da saúde do trabalhador. Reforça-se a importância de cuidar dos professores nos contextos laborais. Os resultados do estudo direcionam para novas pesquisas sobre o ambiente de trabalho e estresse em professores do ensino fundamental, mas sugere-se a utilização de instrumentos de medidas ambientais, para que se possa fazer uma avaliação pormenorizada do ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Ambiente de trabalho; Esgotamento profissional; Professores escolares; Ensino Fundamental; Saúde do trabalhador.

Abstract

The selected objective was to describe the research environment of the elementary school teachers. We conducted a descriptive cross-sectional survey, with a quantitative approach. Results obtained from a sample of 421 surveyed teachers show that they are, 95.2% are women, in average, 41 years old, 43.9% hold a teaching licensure, with 15 years of teaching practice, 49% working just one educational institution and a daily average of 53 students. We verified that the teachers presented an intermediate stress level. The results also indicate that organizational and infrastructural factors are also correlated with stress levels. Overall, the results suggest that an inappropriate work environment is likely to generate an increased amount of stress in elementary school first grade teachers. Furthermore, this study brought an important debate on the work environment, highlighting the importance of being mindful to the teachers' conditions in a work-related context. We suggest the development of new surveys on work environment and stress in elementary school teachers, with the implementation of environmental assessment tools, in order to comprehensively analyze the work environment.

Keywords: Working environment; Professional burnout; School teachers; Elementary School; Occupational health.

Resumen

El objetivo seleccionado fue describir el ambiente de trabajo de los maestros de primaria. Realizamos una encuesta descriptiva de corte transversal, con un enfoque cuantitativo. Los resultados obtenidos de una muestra de 421 maestros encuestados muestran que son, 95.2% son mujeres, en promedio, 41 años, 43.9% tienen una licencia de enseñanza, con 15 años de práctica docente, 49% trabajan solo en una institución educativa y diariamente promedio de 53 estudiantes. Verificamos que los maestros presentaban un nivel de estrés intermedio. Los resultados también indican que los factores organizacionales y de infraestructura también están correlacionados con los niveles de estrés. En general, los resultados sugieren que un ambiente de trabajo inapropiado probablemente genere una mayor cantidad de estrés en los maestros de primer grado de primaria. Además, este estudio trajo un debate importante sobre el ambiente de trabajo, destacando la importancia de tener en cuenta las condiciones de los maestros en un contexto relacionado con el trabajo. Sugerimos el desarrollo de nuevas encuestas sobre el ambiente de trabajo y el estrés en los maestros de primaria, con la implementación de herramientas de evaluación ambiental, con el fin de analizar exhaustivamente el ambiente de trabajo.

Palabras clave: Ambiente de trabajo; Esgotamiento profesional; Maestros; Educación Primaria y Secundaria; Salud laboral.

1. Introdução

Percebe-se que as atividades do professor iniciam-se antes das aulas acontecerem, vão desde ações que envolvem planejamento anual, elaboração dos conteúdos formatados pelos projetos político-pedagógicos institucionais, observação do contexto social dos alunos, preparação de avaliações que ocorrerão durante e após a ministração das aulas, com vistas à garantia do ensino-aprendizagem, e vão até o momento exato da ministração da aula e consecutivamente estendem-se nas avaliações específicas e globais do método empregado (Ferreira, 2010).

Deste modo, o processo laboral do educador não se resume a sala de aula, mas ainda avança, como por exemplo, com as atividades burocráticas, a gestão participativa, a busca ou até mesmo imposição das chefias quanto à capacitação constante, através de cursos e

especializações, conforme às necessidades instituídas pelo mundo do trabalho, que associados às condições, aos requisitos organizacionais, e somados à intensificação da carga de trabalho e diminuição do lazer podem interferir na saúde do professor e instalar o adoecimento.

A intensificação do processo de trabalho acrescidas das precárias condições impostas aos trabalhadores, da desqualificação profissional, excessivas jornadas acumulando dois a três vínculos empregatícios, acompanhadas da não gratificação financeira, grande número de alunos em classe, tempo escasso para o planejamento pedagógico, trazem explicações para a exaustão dos profissionais e conseqüentemente elevação do níveis de adoecimento, principalmente quando o indivíduo ultrapassa os limites do corpo-mente em presença do riscos ocupacionais ambientais (Assunção & Oliveira, 2009; Garcia & Anadon, 2009; Brito, Bercot, Horellou-Lafarge, Neves, Oliveira, & Rotemberg, 2014).

Acredita-se que o magistério seja uma profissão “reconhecidamente estressante e por tal motivo o posto de trabalho docente vem despertando o interesse dos pesquisadores e dos especialistas, principalmente no ensino fundamental [...]” (Nunes Sobrinho, 2012, p.81). Justifica-se que a atividade desenvolvida pelo mestre exija “altas doses de envolvimento emocional, e em consequência, a intensidade precisa captar a sobrecarga emocional despendida a mais pelos trabalhadores para dar conta da tarefa” (Rosso, 2015, p. 198).

Pesquisas nacionais e internacionais que versam sobre as condições do multifacetado trabalho dos educadores e as possíveis implicações na saúde tem encontrado como efeitos das precárias condições do ambiente de trabalho, o aparecimento de distúrbios vocais e o adoecimento mental, majoritariamente os transtornos psicológicos. (Ferreira, 2010; Souza & Leite, 2011; Balçara, Silva, & Santos, 2015; Macaia & Fischer, 2015; Wang, Ramos, Wu, Liu, Yang, Wang, & Wang, 2015; Wong, 2015).

Observa-se que os profissionais da educação básica, em especial, no ensino fundamental, ao vivenciarem as condições de trabalho inadequadas possivelmente terão interferências negativas na saúde. Logo, o ambiente da escola precisa ser amplamente estudado na tentativa de propor medidas que melhorem o espaço escolar e por conseguinte proporcionem conforto tanto para os educadores e quanto alavanquem o processo de ensino instituído ali. A partir dos conceitos apresentados destaca-se a urgência em se debruçar sobre as implicações do ambiente de trabalho na saúde do professor do ensino fundamental.

Contudo, o ambiente escolar pode ser compreendido como o “conjunto de elementos, de ordem material ou afetiva, que circunda o educando [...] o inclui, quando vivencia os processos de ensino e aprendizado, e que exerce influência definida sobre a qualidade do ensino e a eficácia do aprendizado” (Troncon, 2014, p.265).

Deste modo, o ambiente educacional engloba aspectos físicos, arranjos estruturais, referentes à organização e aspectos pessoais dos educadores e estudantes que influenciam diretamente no conjunto da classe podendo afetar nas relações (Kowaltowski, Pina, Labaki, Ruschel, Bertolli, & Borges Filho, 2002). A partir desta perspectiva torna-se imprescindível, reivindicar que o ambiente escolar seja confortável para todos os atores, entre eles professores e alunos, com vistas à promoção do bem-estar da equipe pedagógica e dos alunos aumentando os níveis de satisfação e aprendizagem (Batista, Carlotto, Coutinho, Pereira, & Augusto, 2010).

Para tal, elencaram-se alguns elementos presentes no ambiente escolar que precisam ser verificados, tais como: iluminação, ruídos, temperatura, ventilação – itens relacionados ao ambiente físico; relações interpessoais: existentes entre os próprios educandos, alunos-corpo docente, professores-direção, entre os próprios professores, os professores-responsáveis – componentes do ambiente relacional; as influências do ambiente interior sobre o trabalhador, as relações institucionais da escola com o órgão governamental representante - ambiente organizacional da instituição e ainda os aspectos do ambiente que influenciam diretamente na saúde e no desenvolvimento das atividades do professor – componentes da relação ambiente, saúde e trabalho.

Percebe-se que caso os elementos do espaço escolar encontrem-se inapropriados e associados à intensificação do trabalho permitirão que os professores que frequentam este ambiente estejam mais sujeitos ao adoecimento físico e mental, entre elas o aparecimento do estresse ocupacional.

Vale ressaltar que a: “[...] manifestação do estresse do trabalho pode ocorrer devido às características individuais de cada trabalhador, passando pelo estilo de relacionamento social no ambiente de trabalho e pelo clima organizacional até as condições gerais nas quais o trabalho é executado” (Nunes Sobrinho, 2012, p. 82).

Isto posto, traçou-se como hipótese da pesquisa: o ambiente de trabalho inapropriado gera estresse ocupacional em professores do ensino fundamental I. Assim, lançou-se como objetivo analisar o ambiente de trabalho e o estresse ocupacional de professores do ensino fundamental I.

2. Metodologia

A abordagem metodológica escolhida foi quantitativa de natureza descritiva, de corte transversal, do tipo survey, como orienta Pereira et al. (2018) realizado nas escolas públicas municipais com ensino fundamental I, da cidade de Nova Iguaçu/RJ.

Teve-se como população do estudo 421 professores, elencados não-aleatoriamente, respeitando os padrões de inclusão: ser professor atuante com os educandos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, com vínculo trabalhista efetivo. Foram eliminados aqueles que trabalhavam em cargo comissionado e estavam afastados no momento da execução da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (CEP/UNIRIO) mediante Parecer nº 2.151.939/2017 e do Hospital Geral de Nova Iguaçu (CEP/HGNI) através do Parecer nº 2.283.527/2017. Após a assinatura de todos os participantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e seguindo os preceitos éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa foi executada.

A coleta das informações foi realizada através da aplicação do *Teacher Stress Inventory* (TSI) (Fimian, 1988), na versão em português de Weber, Leite, Stasiak, & Forteski (2015), intitulado Inventário do Estresse do Professor (IEP). Anexou-se ao inventário algumas perguntas, elaboradas pelos autores, que permitiram a avaliação do ambiente de trabalho (AAT) e dados sociodemográficos dos integrantes da pesquisa.

Destaca-se que o IEP é constituído por 58 itens, destes 49 são perguntas fechadas do tipo Likert (1 a 5) divididas em 10 dimensões (subescalas) que medem a intensidade dos sentimentos docentes em relação às fontes e manifestações de estresse, cinco fatores configuram fontes de estresse, enquanto outros cinco representam manifestações.

Em relação a avaliação do ambiente de trabalho (AAT), os professores foram questionados quanto à estrutura física, segurança e os recursos existentes no espaço escolar, entre eles: a iluminação, a temperatura, os ruídos dentro e fora da classe, a ventilação, a segurança/violência e os recursos didáticos. Tais questões foram classificadas pelo professor em inapropriado(a), apropriado(a) e/ou não se aplica àquele ambiente laboral. Elegeu-se inserir as questões logo abaixo ao IEP com vistas à não comprometer as observações sobre o ambiente de trabalho.

Logo, o inventário de estresse do professor e as questões de avaliação do ambiente de trabalho, utilizadas na pesquisa, proporcionaram a associação entre ambiente de trabalho e o estresse ocupacional do professor do ensino fundamental I.

Efetou-se análise descritiva das variáveis categóricas quantitativas para isso, utilizou-se frequência simples, média e desvio padrão, os dados foram confrontados ao padrão determinado pelo manual de Fimian, ou seja, uma vez que os parâmetros do escore fiquem abaixo de 3,0 significa “força média”, escore de 3,5 “força grande” e 1,9 “força suave” para os eventos estressantes (Fimian, 1988). Posteriormente, a relação entre as dimensões foi verificada por meio do coeficiente de correlação de Pearson.

Recorreu-se aos testes de Spearman, Wilcoxon e Kruskal-Wallis. Os dados foram inseridos em planilha do Excel[®] para, na sequência, serem utilizados no software do programa R[®] (R Development Core Team, 2011).

Depois da padronização do inventário de estresse do professor (IEP) foi realizada a correlação entre o sentimento de estresse e as questões de avaliação do ambiente de trabalho do ensino público fundamental I (AAT).

3. Resultados e Discussão

Os dados descritivos, caracterização sociodemográfica e ocupacional dos 421 professores participantes do estudo, demonstram que a maioria (95,2%) dos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, é do sexo feminino e com média de idade de 40,95 (dp = 6,99). Quanto as variáveis ocupacionais, os professores investigados (34,4%) possuem em média 15,66 (dp = 6,97) anos para o tempo de formação docente, (44,2%) lecionam, diariamente, para em média 52,72 (dp = 29,20) alunos, (43,9%) dos professores fizeram licenciatura, (96,4%) recebem auxílio mútuo dos colegas de trabalho, (92,9%) auxílio mútuo da chefia, atuam entre uma e duas escolas, (58,9%) possuem alunos com necessidades especiais e entre 1 a 5 alunos inclusão.

Os resultados apontam maior predominância do sexo feminino, do quantitativo de professores investigados, tais dados corroboram aos estudos realizados por diversos pesquisadores Rabelo (2007), Vianna (2013), Brito et al (2014), Capitano (2014), Weber et al (2015) ao afirmarem que historicamente a quantidade de mulheres que escolhem o magistério é muito superior ao número de homens na profissão.

Em relação aos dados ocupacionais pode-se encontrar apoio na pesquisa de Goulart-Júnior & Lipp (2008) que relatam o mesmo tempo de atuação no magistério da maioria dos

participantes mais de 15 anos, sendo que (42,9%) possuem tempo de atuação entre 15 e 19,9 anos e (25,1%) atuam há mais de 20 anos e somente (13,7%) da população pesquisada atuam profissionalmente em um tempo inferior a dez anos.

Informações similares são encontradas na pesquisa de Lyra, Assis, Njaine, & Pires (2013), em relação a quantidade diária de alunos que o professor dos anos iniciais do ensino fundamental leciona, 50% (n= 69) dos docentes referiram desgaste mental e físico devido ao número elevado de alunos em sala de aula. Professores das escolas públicas de São Luís (n= 178; 50,83%) apresentaram estresse e justificaram que uma das causas está relacionada a superlotação das salas de aula (Mesquita, Gomes, Lobato, Gondim, & Souza, 2013).

Vale mencionar que existe o Projeto de Lei (PLS n.504/2011), em tramitação no Senado Federal, e propõem a alteração do art. 25 da LDB Lei nº 9.394 (1996) no que tange ao estabelecimento do quantitativo máximo de alunos por turma admitindo que nos dois primeiros anos do ensino fundamental, não ultrapasse 25 alunos e nos demais anos não exceda aos 35 alunos por turma.

Constatou-se que a maioria dos professores da amostra finalizaram a graduação e possuem especialização *lato sensu*, o que demonstra o interesse dos professores em melhorar a formação profissional. Em contrapartida, no que tange a especialização *stricto sensu* (mestrado e doutorado), o resultado foi verificado na minoria dos participantes, assim, é possível observar que a busca pela ascensão profissional se tornou bastante reduzida no grupo específico.

Em pesquisas sobre o desenvolvimento profissional docente em face das exigências e mudanças tecnológicas e científicas da educação, o pequeno número de especializações na educação justifica-se a pela falta de tempo, motivação, e ausência de incentivos político-governamentais, tal dado foi evidenciado também no estudo em questão (Nunes & Oliveira, 2017; Arruda, Catrib, Brasil, Batista, & Sampaio, 2015; Esteve, 2009).

Verificou-se, na pesquisa que há predomínio da população estudada, no recebimento de auxílio mútuo dos colegas na execução das tarefas. Diferentemente da informação encontrada no estudo, pesquisas indicam que o envolvimento do professor nos coletivos escolares torna-se difícil devido ao acúmulo de tarefas burocráticas: preenchimento de agendas, notas publicitárias, planejamento de aulas, preparação de avaliações (Arruda et al, 2015; Nunes & Oliveira, 2017).

Os professores investigados em sua maioria também recebem auxílio mútuo dos coordenadores das escolas em que trabalham. Lyra et al (2013) informam que o apoio efetivo

da gestão escolar é fator imprescindível para a construção de estratégias de mediação de conflitos entre responsáveis, estudantes, direção e professores.

No que tange a quantidade de escolas que os professores do estudo lecionam representam uma ou duas escolas. Esse resultado confirma os dados encontrados na literatura, pois os professores em busca de alcançar um salário melhor, intensificam sua carga de trabalho, seja na mesma escola, com a “dobra” ou em outra escola para complementar a renda. Esteve (2009), Lyra et al (2013) mencionam que os professores se encontram esgotados por tais motivos.

Nesta pesquisa, os participantes, em sua maioria, declararam que possuem um quantitativo pequeno de alunos com necessidades especiais. No Rio de Janeiro, onde foi efetuado o estudo, não possui legislação pertinente à quantidade de alunos de inclusão que devem ter em sala de aula. A medida encontrada no estudo condiz com a legislação vigente no estado de São Paulo. No ano de 2015, no estado de São Paulo, entra em vigor a lei nº 15.830 que limita a quantidade de alunos em sala de aula que possuam alunos de inclusão. A lei decreta que caso, na turma regular, tenha um aluno com necessidades especiais apenas poderá conter no máximo 20 alunos e se este número se elevar para dois ou três a quantidade de alunos não poderá ultrapassar 15 educandos; e caso tenha dois alunos com necessidades especiais poderá conter um professor auxiliar conforme o nível de dependência do aluno.

Nas escolas do ensino fundamental da rede pública de Santa Maria, Rio Grande do Sul, o estudo sobre estresse e *burnout* frente a inclusão, demonstra que o processo de inclusão ocasiona um processo de desgaste institucional e do corpo docente nas escolas que adotam a inserção dos alunos com necessidades especiais (Naujorks, Kempfer, Pletsch, & Lopes, 2000).

No entanto, entende-se que a inclusão escolar requer do professor um atendimento educacional especializado das práticas pedagógicas, quando a formação ou ainda a capacitação profissional não abrange tal perspectiva, pode ser um dos motivos de estresse no educador quando recebe alunos com necessidades especiais.

Em relação à análise das dimensões da fonte de estresse dos professores do ensino fundamental I, no tocante a dimensão administração do tempo, é importante destacar que a média das respostas foi de 3,49, mediana 3,5 (dp = 0,79).

Para a dimensão estressores relacionados ao trabalho observou-se média de 3,82, mediana 4 (dp = 0,83). Ao avaliar a média das respostas para a dimensão ansiedade profissional, teve-se 3,08, mediana 3 (dp = 0,98). Na dimensão intitulada disciplina e

motivação dos alunos, média de 3,63, mediana 3,83 (dp = 1,07). A dimensão investimento profissional apresentou média de 2,70, mediana 2,75 (dp = 0,98).

No que diz respeito às manifestações de estresse apresentadas pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental pesquisados, a dimensão denominada manifestações emocionais mostram que o valor da média encontrada foi de 2,72, mediana 2,6 (dp = 1,06). Na dimensão listada como manifestação de cansaço, o valor da média ficou em 3,23, mediana 3,4 (dp = 1,53). Sobre a dimensão manifestações cardiovasculares, o valor da média ficou em 2,67, mediana 2,66 (dp = 1,27). Para a dimensão manifestações gastrointestinais, teve-se como resultado a média 2,31, mediana 2 (dp = 1,30). No que se refere a dimensão manifestações comportamentais, a média encontrada foi de 1,65, mediana 1,5 (dp = 0,71).

Os resultados obtidos após a análise de cada dimensão do IEP seguida da avaliação geral do estresse, os resultados demonstram que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental, do Município de Nova Iguaçu, participantes do estudo, apresentam média de 2,93, mediana de 2,92 e denotam que os professores pesquisados percebem os eventos estressantes com “força média”.

Em consonância com o estudo ao analisar as condições de saúde, estilo de vida e trabalho dos 414 professores da cidade de Bagé, Rio Grande do Sul, encontraram nível médio de estresse para este grupo de trabalhadores (Santos & Marques, 2013).

Em contrapartida ao estudo em questão verificou-se em diferentes estudos nível alto de estresse. Em seis regiões de São Luís, dos 357 professores entrevistados, observou-se que 50,83% apresentam estresse e do quantitativo encontrado 87,36% estavam na fase de resistência (Mesquita et al, 2013). Em Campina Grande, Paraíba, identificou-se que o índice de estresse percebido é relativamente alto, 60,7% da amostra (n=517) apresentaram níveis elevados de estresse (Silva, Damásio, & Melo, 2009). Pereira, Teixeira, Pelegrini, Meyer, Andrade, & Lopes (2014) investigaram o estresse ocupacional de professores da educação básica das redes municipais e estaduais de ensino de Florianópolis e encontraram no grupo de professores altas demandas de trabalho e alto desgaste na avaliação do estresse.

As informações apresentadas trazem à tona a discussão da presença do estresse, dos níveis médios aos elevados, no ambiente de trabalho dos professores nos anos iniciais ensino fundamental, que podem promover adoecimento desta classe de trabalhadores e corroboram a preocupação necessária à saúde dos professores.

Para o estudo em questão o ambiente ocupacional do professor foi analisado através da sua composição física: iluminação, temperatura, ruídos presentes em sala de aula, ruídos fora da sala de aula, ventilação e organizacional segurança/violência, recursos didáticos e em

seguida, através do teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis os dados foram correlacionados ao nível de estresse geral do professor.

Em relação às variáveis ambientais e os níveis de estresse apresentados no estudo, observou-se que o único item que não apresentou diferença entre as variáveis foi a iluminação, (p -valor $> 0,05$), ou seja, para estes profissionais a iluminação não influencia no estresse ocupacional, conforme pode ser visualizado na Tabela 1.

Tabela 1: Avaliação do ambiente de trabalho do professor do ensino fundamental I, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2017.

| Componentes do Ambiente | Avaliação | Quantidade de Professores (N) | Média | Desvio Padrão | p-valor* |
|-------------------------|---------------|-------------------------------|-------|---------------|--------------|
| Iluminação | Apropriado | 197 | 2,88 | 0,69 | 0,125 |
| | Inapropriado | 215 | 2,99 | 0,63 | |
| | Não se aplica | 09 | 2,65 | 0,60 | |
| Temperatura | Apropriado | 112 | 2,71 | 0,72 | 0,0003501* |
| | Inapropriado | 303 | 3,01 | 0,62 | |
| | Não se aplica | 06 | 2,85 | 0,71 | |
| Ruídos I** | Apropriado | 111 | 2,56 | 0,65 | 3,957e-12* |
| | Inapropriado | 279 | 3,10 | 0,59 | |
| | Não se aplica | 31 | 2,77 | 0,68 | |
| Ruídos E*** | Apropriado | 106 | 2,73 | 0,64 | 0,00002305* |
| | Inapropriado | 276 | 3,03 | 0,65 | |
| | Não se aplica | 39 | 2,75 | 0,65 | |
| Ventilação | Apropriado | 135 | 2,75 | 0,69 | 0,0003747* |
| | Inapropriado | 277 | 3,02 | 0,62 | |
| | Não se aplica | 09 | 2,82 | 0,86 | |
| Segurança | Apropriado | 147 | 2,79 | 0,65 | 0,000009445* |
| | Inapropriado | 167 | 3,13 | 0,64 | |
| | Não se aplica | 107 | 2,81 | 0,63 | |
| Recursos Didáticos | Apropriado | 101 | 2,73 | 0,65 | 0,003661* |
| | Inapropriado | 308 | 3,00 | 0,65 | |
| | Não se aplica | 12 | 2,89 | 0,63 | |

N= 421 *p-valor $< 0,05$: diferença significativa

** Ruídos I: ruídos internos presentes sala de aula

*** Ruídos E: ruídos externos à sala de aula

Fonte: Dados da pesquisa.

Embora não exista a correlação entende-se que a melhora deste componente ambiental promova “pouca fadiga e monotonia e ainda melhora o desempenho das pessoas presentes no ambiente” conforme as palavras de Batista et al (2010, p.239) ao avaliarem o conforto lúxico das escolas de João Pessoa, encontraram valores médios mínimo de 148,2 lux e máximo de 430,07 lux, ou seja, valores inferiores aos prescritos (mínimo: 200 lux e máximo: 500 lux) para os professores terem conforto visual nas atividades laborais.

A influência da temperatura no nível de estresse do professor também pode ser evidenciada em pesquisas anteriores. Martins (2007, p.125) relata que os professores do ensino fundamental, no universo de 69 escolas da rede pública estadual da cidade de João Pessoa, apresentam estresse ocupacional relacionado às diversas queixas como: “a respeito do número excessivo de alunos, calor intenso, principalmente nos meses mais quentes do ano, violências, drogas e insegurança na escola”.

Batista et al (2010) ao mensurar as medidas de conforto ambientais do posto de trabalho dos professores, em escolas municipais de João Pessoa, Paraíba, registrou que a temperatura em sala alcançava valores entre 26,67° C de média mínima e 30,43°C de média máxima, ou seja, os valores encontravam-se muito a cima dos limiares defendidos pela NR 17, para o conforto térmico ideal dos professores a temperatura deve ficar entre 20°C e 23°C. Logo, ao considerarem que a falta de conforto térmico desequilibra o sistema termorregulador observa-se que a temperatura inadequada influencia diretamente no nível de estresse do professor.

Conforme pesquisado por Coutinho Filho, Silva, Silva, & Coutinho (2007) os professores e alunos, declararam estarem insatisfeitos que o conforto térmico oferecido pela escola; o ambiente era muito quente e conseqüentemente poderia causar estresse, dificultar a concentração e afetar significativamente o desempenho dos indivíduos.

No que tange aos ruídos presentes no ambiente da sala de aula Gasparini, Barreto, & Assunção (2006, p.2688) declaram que a presença de ruído, dentro e fora da sala de aula são consideradas condições ambientais danosas à atividade laboral do professor e causam estresse, à medida que o ambiente de trabalho se torna “desconfortável, incômodo e intranquilo, para professores e alunos, requerendo maior esforço e maior exigência física e mental com repercussões negativas sobre a saúde”.

Batista et al (2010, p.237) ao pesquisar as medidas de conforto acústico concluíram que os professores podem apresentar estresse ocupacional devido aos ambientes insalubres das salas de aula. Na perspectiva de Brasil, Batista, Melo, Ibiapina, Brilhante, & Silva (2016); Oiticica, Alvino, & Silva (2006) os ruídos emitidos pelos alunos, o professor querendo se

expressar e competindo com eles, associados aos ventiladores barulhentos, considerados fatores ambientais, geram um desgaste maior e contribuem para a elevação do nível de estresse do professor.

Quando se compara o resultado da pesquisa aos dados encontrados na literatura constata-se que os ruídos externos interferem no nível de estresse apresentado pelo professor do ensino fundamental I. Os ruídos externos a sala de aula, somados aos internos também podem causar danos à saúde dos trabalhadores. Oiticica et al (2006) mapearam as escolas de Maceió - AL e identificaram que existiam vias de escoamento de tráfego secundário e o movimento dos pedestres nas calçadas que influenciavam negativamente nos níveis de ruído externos à sala de aula, chamado de ruído de fundo e prejudicavam a concentração dos alunos.

As condições de ventilação na sala de aula, quando inadequadas, interferem negativamente na atividade docente, pois tornam o ambiente desfavorável exigindo maior esforço, físico e mental tanto para os alunos quanto para os professores. Assim, estas condições adversas estão associadas aos transtornos mentais e podem induzir ao estresse conforme verificado no estudo de Gasparini et al (2006).

Embora o fenômeno da violência escolar seja complexo e multicausal. Codo, & Vasques Menezes (2000, p. 243) evidenciam que o estresse apresentado pelo professor devido aos atos de violência e indisciplina trata-se do estresse crônico representado pela *síndrome de burnout*.

Discute-se que os episódios de violência vão desde desrespeito, agressões verbais e ameaças às agressões físicas, morais e psicológicas contra o professor, no Brasil e no mundo. Comprovam que a violência tem sido responsável pela evasão escolar dos professores, pois ao passarem por episódios de violência no âmbito escolar eles acabam pedindo demissão, “[...] a tensão produzida por esses fatos incide sobre a qualidade do ambiente escolar e tem ferido, há muito tempo, o processo ensino-aprendizagem, ou seja, o elo que une professor e aluno, núcleo da instituição escolar” (Lopes & Gasparin, 2003, p.300).

A ausência ou a escassez de recursos didáticos necessários à prática docente interferem negativamente na atividade laboral do professor. Para Gasparini et al (2006) os professores apresentam alta prevalência de transtornos mentais causadas pelo quantitativo insuficiente de recursos didáticos disponíveis e as condições ambientais inapropriadas encontradas no contexto escolar. Corroboram a esta afirmativa Martins (2007), Vedovato & Monteiro (2008), Pereira (2011), ao mencionarem que a pressão estressante que o professor da rede pública vivencia também advém da falta de material didático nas escolas.

Assim, acredita-se que o estresse experienciado pelos professores dos primeiros anos do ensino fundamental estão relacionados aos diferentes componentes ambientais apresentados. Entende-se que o adoecimento mental e físico dos professores seja exacerbado sob às condições inadequadas impostas.

4. Considerações Finais

O objetivo do estudo foi amplamente alcançado. Ao analisar o ambiente de trabalho constatou-se como inapropriado, no que se refere aos aspectos físicos e organizacionais que pode consequentemente gerar estresse no professor do ensino fundamental I.

Ser docente requer múltiplas habilidades e competências no que tange ao processo de ensinar, mas para isso o professor deve estar com a saúde física e mental preservadas. Os professores, contudo, vivenciam diariamente condições adversas no ambiente de trabalho que podem contribuir para a elevação do nível de estresse ocupacional e porventura levar ao adoecimento do trabalhador.

As condições laborais dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental mostraram-se inapropriadas, em relação aos aspectos físicos do ambiente e organizacional (segurança e recursos didáticos) para os professores.

Os resultados encontrados com a aplicação do inventário do estresse do professor (IEP) verificou-se que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental, do município de Nova Iguaçu, denotaram o nível de estresse dos professores com força média, nas dimensões estudadas.

Esta pesquisa evidenciou que o ambiente é um grande influenciador do estresse. Em relação aos componentes físicos ambientais investigados e referente aos aspectos organizacionais do ambiente e a correlação o nível geral de estresse do professor apresentam correlação estatística significativa. No entanto, o único componente físico que não apresentou diferença de comportamento estatístico em relação ao nível de estresse do professor foi a iluminação.

Dentre às limitações do estudo enumera-se a violência urbana interferindo no acesso às unidades escolares somada a presença do tráfico de drogas na região. E ainda, a grande extensão territorial do município pesquisado.

Os resultados do estudo direcionam para novas pesquisas sobre o ambiente de trabalho e estresse em professores do ensino fundamental, mas sugere-se a utilização de instrumentos de medidas ambientais, tais como medição de ruídos, temperatura, ventilação,

umidade dentro e fora da sala de aula, com equipamentos adequados, a fim de que se possa realizar uma avaliação pormenorizada do ambiente de trabalho.

Referências

Assunção, A.A., & Oliveira, D.A (2009). Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educ. Soc*, 30 (107), 349-72. Recuperado em 05 junho, 2020, de <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000200003>.

Arruda, R.P., Catrib, A.M.F., Brasil, C.C.P., Batista, M.H., & Sampaio, P.P. (2015). The pain of teaching: considerations regarding endeavors. *US-China Education Review A.*, 5 (4), 267-76. Recuperado em 05 junho, 2020, de <https://doi.org/10.17265/2161-623X/2015.04.004>.

Balçara, L., Silva, A.F., Castro, J.G.D., & Santos, G.C.A. (2015). Common psychiatric symptoms among public school teachers in Palmas, Tocantins, Brazil. An observational cross-sectional study. *São Paulo Med J.*, 133 (5), 435-8. Recuperado em 05 junho, 2020, de <https://doi.org/10.1590/1516-3180.2014.8242810>.

Batista, J.B.V., Carlotto, M.S., Coutinho, A.S., Pereira, D.A., & Augusto, L.G. (2010). O ambiente que adoce: condições ambientais de trabalho do professor do ensino fundamental. *Cad Saúde Colet.*, 18 (2), 234-42.

Brasil. (1996). Lei nº 9.394 de 1996. Brasília. Recuperado em 05 junho, 2020, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm.

Brasil. (2015). Lei nº 15.830 de 2015. São Paulo. Recuperado em 05 junho, 2020, de <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2015/lei-15830-15.06.2015.html>.

Brasil, C. C. P., Batista, M. H., Melo, A. K. S., Ibiapina, F. L. P., Brilhante, A. V. M., & Silva, R. M. (2016). O contexto da docência e sua influência no sofrimento psíquico de professoras do ensino fundamental. *Rev Bras Promoç Saúde*, 29 (2), 180-188. Recuperado em 05 junho, 2020, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40848190005>.

Brito, J., Bercot, R., Horellou-Lafarge, C., Neves, M. Y., Oliveira, S., & Rotenberg, L. (2014). Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 24 (2), 589-605. Recuperado em 05 junho, 2020, de <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000200014>.

Capitanio, A. M. (2014). Gênero e crenças religiosas: sentidos da docência entre professoras do ensino fundamental I. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Codo, W., & Vasques Menezes, I. (2000). O que é Burnout? In: CODO, W. (Coord.) Educação: carinho e trabalho. (2a ed.). Petrópolis: Vozes.

Coutinho Filho, E. F., Silva, E. C. S., Silva, L. B., & Coutinho, A. S. (2007). Avaliação do conforto ambiental em uma escola municipal de João Pessoa. In: IX Encontro de Extensão, Anais. João Pessoa: Universitária; 67-82.

Esteve, J. M. (2009). Escenarios del presente e interrogantes para la construcción del futuro. In: Medrano, C. V. de., Vaillant, D. Aprendizaje y desarrollo profesional docente. Madrid: Santillana, 17-27.

Ferreira, L. L. (2010). Relação entre o trabalho e a saúde de professores na Educação Básica no Brasil. Relatório Final do Projeto: Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores de Educação Básica no Brasil. São Paulo, Fundacentro.

Fimian, M.J. Teacher Stress Inventory. Clinical Psychology Publishing Co. 1988.

Garcia, M. M. A., & Anadon, S.B. (2009). Reforma educacional, intensificação e autointensificação do trabalho docente. *Educ. Soc.*, 30 (106), 63-85. Recuperado em 10 fevereiro, 2020, de <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a04.pdf>.

Gasparini, S. M., Barreto, S. M., & Assunção, A. A. (2006). Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 22 (12), 2679-2691. Recuperado em 05 junho, 2020, de <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006001200017>.

Goulart J, E., & Lipp, M. E. N. (2008). Estresse entre professoras do ensino fundamental de escolas públicas estaduais. *Psicologia em Estudo*, 12 (4), 847-857. Recuperado em 05 junho, 2020, de <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000400023>.

Kowaltowski, D. C. C. K., Pina, S. M. G., Labaki, L. C., Ruschel, R. C., Bertolli, S. R., & Borges Filho, F. (2002). O conforto no ambiente escolar: elementos para intervenções de melhoria. In: IX Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído - ENTAC, Foz do Iguaçu, 07 a 12 de maio de 2002.

Lopes, C. S., & Gasparin, J. L. (2003). Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 25 (2), 295-304. Recuperado em 05 junho, 2020, <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v25i2.2192>.

Lyra, G. F. D., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2013). Sofrimento psíquico e trabalho docente - implicações na detecção de problemas de comportamento em alunos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13 (2), 724-744. Recuperado em 05 junho, 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000200017&lng=pt&tlng=pt.

Macaia, A. A. S., & Fischer, F.M. (2015). Retorno ao trabalho de professores após afastamentos por transtornos mentais. *Saúde Soc.* 24 (3), 841-852. Recuperado em 05 junho, 2020, <https://doi.org/10.1590/s0104-12902015130569>.

Martins, M. G. T. (2007). Stress symptoms in Brazilian Teachers. *Revista Lusófona de Educação*, (10), 109-128. Recuperado em 05 junho, 2020, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502007000200009&lng=pt&tlng=en.

Mesquita, A. A., Gomes, D. S., Lobato, J. L., Gondim, L., & Souza, S. B. D. (2013). Estresse e síndrome de burnout em professores: prevalência e causas. *Psicologia Argumento*, 31 (75), 627-635.

Naujorks, M. I., Kempfer, G. L., Pletsch, M. D., & Lopes, L. F. D. (2000). Stress ou burnout, a realidade frente a inclusão. *Revista Educação Especial*, 15.

Nunes, C. P., & Oliveira, D. A. (2017). Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. *Educação e Pesquisa*, 43 (1), 66-80. Recuperado em 05 junho, 2020, de <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201604145487>.

Nunes Sobrinho, F. P. (2012). O stress do professor no ensino fundamental: o enfoque da ergonomia. In: *O stress do professor*. Marilda Lipp (org.). (7ª ed.). Campinas, SP: Papirus.

Oiticica, M. L., Alvino, I. L., & Silva, L. B. (2006). O conforto no ambiente escolar: elementos para intervenções de melhoria. In: *XI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído - ENTAC*, Florianópolis, 23 a 25 de agosto de 2006.

Pereira, F. F. S. (2011). *Indicadores de mal-estar docente em escolas públicas municipais de Salvador*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Pereira, A. S., Shitsuka, D.M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Pereira, E. F., Teixeira, C. S., Pelegri, A., Meyer, C., Andrade, R. D., & Lopes, A. S (2014). Estresse relacionado ao trabalho em professores de educação básica. *Ciencia y Trabajo*, 16 (51):206-10.

Rabelo, A. O. (2007). Memória e subjetividade: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras. *Educação (UFSM)*, 32(1). Recuperado em 05 maio, 2020, de <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/668/478>.

Rosso, S. D. (2015). *Mais trabalho!: a intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo. 2ª reimpressão.

Santos, M. N. dos, & Marques, A. C. (2013). Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18 (3), 837-846.

Silva, J. P. da, Damásio, B. F., & Melo, S. A. (2009). O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12 (1), 111-122. Recuperado em 05 de janeiro, 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000100009&lng=pt&tlng=pt.

Souza, A. N., & Leite, M. P. (2011). Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. *Educ. Soc.*, 32 (117), 1105-1121. Recuperado em 05 de janeiro, 2020, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302011000400012>.

Troncon, L. E. (2014). Ambiente educacional. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 47 (3), 264-271. Recuperado em 05 de janeiro, 2020, de <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v47i3p264-271>.

Vedovato, T. G., & Monteiro, M. I. (2008). Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 42 (2), 291-7. Recuperado em 05 de janeiro, 2020, de <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000200012>.

Vianna, C. P. (2013). A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Abaré.

Wang, Y., Ramos, A., Wu, H., Liu, L., Yang, X., Wang, J., & Wang, L. (2015). Relationship between occupational stress and burnout among Chinese teachers: a cross-sectional survey in Liaoning, China. *Int Arch Occup Environ Health*. 88 (5), 589-97.

Weber, L. N. D., Leite, C. R., Stasiak, G. R., Santos, C. A. S., & Forteski R. (2017). O estresse no trabalho do professor. *Imagens da Educação*, 5 (3), 40-52. Recuperado em 05 de janeiro, 2020, de <https://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v5i3.25789>.

Wong, Y. P (2015). Development of a work environment rating scale for kindergarten teachers. *Occupational Medicine*. 65, 489–495.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Renata da Silva Hanzelmann – 45%

Érika Almeida Alves Pereira – 10%

Aline Ramos Velasco – 10%

Alexandre Sousa da Silva – 10%

Elias Barbosa de Oliveira – 10%

Joanir Pereira Passos – 15%